

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2022, conta com 24 089 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Agosto de 2025 - Nº 638

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

375 ANOS DO FESTIVAL DA PAZ EM AUGSBURGO, ALEMANHA

**ALEXANDRA
MAGALHÃES
ZEINER**

Em 2025, o Festival da Paz em Augsburg, sul da Alemanha, aconteceu pela 375ª vez! O lema escolhido para essa edição de aniversário, **ARRISQUE A PAZ!**, convocou à ações para um posicionamento atual, a fim de garantir e contruir um futuro pacífico. Mais do que nunca a paz vive uma fase de extrema fragilidade; a paz precisa ser protegida, defendida por todos, cada um de nós deve assumir responsabilidade em sua comunidade local!

Um olhar retrospectivo: Durante a Guerra dos Trinta Anos, os protestantes da cidade de Augsburg foram proibidos de praticar sua fé em 8 de agosto de 1629. Somente com a Paz de Vestfália, em 1648, eles alcançaram a igualdade de direitos com a Igreja Católica

Romana, o que já havia sido formalizado na Paz de Augsburg, em 1555. Em comemoração ao dia de sua opressão, os protestantes celebraram o Festival da Paz pela primeira vez em 1650 – no dia 8 de agosto. Assim, em 2025, celebramos o 375º aniversário deste primeiro Festival da Paz.

<https://friedensfest-augsburg.de/>

Augsburgo tem uma missão atual como a cidade de paz da Baviera: ninguém deve ser excluído por causa de sua religião ou origem! Pessoas de diferentes religiões vivem na cidade, e mais da metade dos moradores atuais tem origem estrangeira. Atualmente o Festival da Paz é celebrado de forma multirreligiosa e multicultural, com uma programação cultural com duração de várias semanas.

O pequeno Banquete

da Paz foi um dos 140 eventos da edição de aniversário, sendo organizado pela associação alemã Mulheres pela Paz – Mulheres pela Paz e.V. em Göggingen, distrito localizado no sul de Augsburg. Em 2025 a associação feminina festejou o banquete pela quarta vez na antiga sede da prefeitura de Göggingen, a qual atualmente é uma biblioteca pública.

Todas as comunidades religiosas locais, assim como moradores dos distritos vizinhos foram cordialmente convidados. Celebraremos acompanhados pela banda alemã “Três ou mais toques do Brasil”, um grupo de três músicos que tocam música instrumental brasileira clássica e moderna. A banda encantou os/as participantes pela sensibilidade e a forma como as melodias brasileiras são apresentadas.

A Bicicleta do Café da Paz, um projeto in-

tegrativo e intercultural apoiado por diversas iniciativas de Augsburg, presente no local desde o primeiro evento em 2022, ofereceu mais uma vez o cafezinho brasileiro e as delícias da “Miss Cake” um serviço especial de comidas brasileiras coordenado por Naraci Paes, membro das Mulheres pela Paz há quatro ano.

Os participantes também trouxeram suas comidas caseiras para compartilhar entre si, e a riqueza de nacionalidades presentes encantou.

Patocinaram o evento em 2025: a associação Mulheres pela Paz – Frauen für Frieden e.V., Augsburg Friedenskaffee, Deutsch Café, Lokale Agenda 21, Markt Diefendorf, Miss Cake, MGT & ASB Göggingen.

CHAMADA ESPECIAL

As Mulheres pela Paz – Frauen für Frieden

e.V e representantes da associação no Brasil e exterior convocam para a obra 375 Mensagens de Paz para a Terra a qual será organizada por Alexandra Magalhães Zeiner, coordenadora e curadora da associação alemã.

Para confirmar sua participação basta seguir a fanpage da associação e aguardar a chamada que será publicada online em diversos idiomas.

<https://www.facebook.com/mulherespelapaz-frauenfuerfrieden/>



CRÔNICAS DA MINHA GENTE FOLCLORE

IVAN

De repente, ouvi a chamada para a missa das dez. Eram os nossos velhos sinos velhos. Embora decrépitos, estavam animados naquela manhã de domingo. O menor e mais agudo, que só era usado para entristecer o caixão que subia ao cemitério – chorava, se dizia – convidava para a missa, badalando: bem, bem, bem. O maior, grave, sisudo, comentava sua boa disposição: bom, bom, bom. Depois de se apresentarem, concluíram-se: bem-bom, bem-bom, bem-bom. Uma nuvem, tocada e atingida pelos sinos, abriu-se e, no desolado palco de cortinas rangentes em suas argolas, a pobre e velha Monte Sião apresentou-se e me cumprimentou em mesura das antigas. A peça ia começar.

O Tónico Volpini guardou o palito que retirara do vão dos dentes e perguntou à dona Aurora se havia carta para ele. Não havia, mas um assunto

tomava rumo. A Dinha do Choque acionava a alavanca para encher o reservatório de gasolina no alto da bomba. Seu Tiorfo, o mesmo da Provedor, gastava quatro palitos de fósforo para acender o cigarro após haver descrito uma circunferência da caixa à boca; o Maximiano passeava o cabrito que iria abater no final da semana, anunciava o preço do quilo e matava um bode fedorento, duro de roer; o Dito Dorta subia seu carro de bois choramingando pela Rua Direita, contrariando a determinação da prefeitura de engraxar os cocões na ponte do Rafael Rielli; as bigornas dos Canela – Antonio, Horácio e Adolfo – retiniam e a do Sérvulo lançava chispas das ferraduras em brasa; o Arturo Pennacchi, no volante da baratinha, esperava seu ajudante acionar a manivela para depois partir para os Almeidas; o fubá chiava na peneira da Cinirda ao cair sobre a chapa quente e produzir beijus; o baru-

lho seco da tesoura sem ponta do Pedro Turco, Bepe Moterani e Plácido Bernardi cortando o pano era ouvido no pé do Morro do Lé, só mesmo sobrepujado pela máquina de arroz do Pedro Leite; os corguinhos corriam sorrindo igual crianças com pirulito; depois das duas o Tónico suspirava valsas pela boca do trombone, exalando perfume, dando cheiro à padaria; as meninas do Zanchetta, todas cor de jambo, tricotavam enquanto ouviam a novela, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. De repente os sons se amiudavam, o dia puxava a cordinha da noite, uma sombra cobria as casas e o arrulho de Monte Sião cessava.

Tomados banho, as gentes traziam a cadeira para a calçada e parolavam. Eram todos carentes. Os que tinham algum eram chamados apenas de “bem de vida”. Quando a falta sufoca igualmente a todos, não há infelicidade, pois não se conhece a abastança que diferencia

e separa. Assim, mesmo na necessidade, eram felizes ou, se preferirem, eram infelizes, e sabiam; todos tiravam proveito dessa infelicidade generosa.

Não se vendiam frutas, nem legumes, nem verduras: eram passados por cima dos muros ou pelo vão da cerca. As crianças tinham o sapato de domingo e os pés da semana. Pagava-se, depois da safra ou quando a caderneta estava cheia; não havia férias para justificar a depressão, que era curada com trabalho e tinha outro nome – canseira.

A polícia chorava ao prender e, se prendia, não dormia. A gente podia conversar com o prefeito e perguntar da família; as autoridades eram incorruptíveis por criação e falta de criação de corruptores; também eram conservadoras como o ovo – jamais mudavam a forma de proceder, de agir, de serem honestas – mantinham a forma tradicional; o padre Gustavo vivia de Deus, isolado em sua batina esfiapada. Jamais imaginou que, num futuro não muito distante, poderia comprar um terno bonito e viver de música, mesmo cantando mal, fazendo de Deus apenas um coad-

juvante nas noites de autógrafo.

As farmácias ministravam pomadas, unguentos e xaropes, de forma que todos morriam santamente e sem dívidas, longe dos hospitais que trucidam precocemente para abrir vaga deixada pelo defunto endividado até o pescoço.

Casava-se, até sem gostar, talvez por falta do que fazer, mas ninguém se separava por temor a Deus, por honra, por dignidade, evitando o sofrimento do filho. As crianças falavam, brincavam, corriam e brigavam, sem prever que o celular viria fazer isso tudo por elas, isolando-as do convívio familiar – quem poderia supor que hoje os pais só seriam encontrados pelo GPS do filho?

Nas escolas os meninos se levantavam ao entrar o professor, e ninguém se diminuiu por esse gesto e muito menos se revoltou a ponto de se fazer bandido.

Só mesmo quando tio Lourenço Ghirelli apagava os lampiões é que se tomava a minestra e cama. A não ser que a banda estivesse ensaiando e, então, quase feriado noturno ou ponto facultativo, ele esperava mais um pouco, já que era o baixista.

Todas estas lembranças que os sinos trouxeram-me não poderiam estar concretas até hoje. São necessárias as mudanças e a evolução dos hábitos, da maneira de viver, da comunicação. Mas a tranquilidade, o respeito, o carinho, a oferta da vida com paz poderiam permanecer; nada costum, meu Deus! O que se lamenta é a mansidão da vida que a natureza havia proposto e se perdeu; é a fuga da vontade que nem chegava a desejo; e, se havia este, estava longe da ambição, mesmo assim curta, tênue, de curto alcance. Os pecados eram todos veniais, enquanto que os mortais só eram privilégio de heróis inatingíveis, porém nunca invejados. É dessa inocência ignorada que se lastima o sumiço. O que se chora é a perda da vida feita apenas para viver.

Ah, minha doce, inocente e terna Monte Sião. O que foi que fizeram com a senhora?

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 82

ISMAEL RIELI

Meu Avô Baptista

Em 1945 terminou a guerra. Itália derrotada meu avô neurótico de guerra. Na Linha Gótica perdeu conhecidos explodidos com minas plantadas por todo canto.

Voltou pro Brasil, pra Monte Sião, pro casarão da Rua Direita.

A Picolina Amábile não suportava as manias do marido Baptista.

O Nono catava papeizinhos da rua em frente à casa, amassava-os e os colecionava no batente da janelona. Amábile atravessava a rua e passava a maior parte do tempo ao lado da amíssima Piera, nanando a Rita.

Não aturava mais as idiossincrasias do Nono, a Nona pediu a meus pais que o acolhessem no sítio e durante quase 10 anos convivemos com nosso querido nono que continuava com suas manias. Para se alimentar era uma luta. Minha mãe preparava pratos cheios

que a gente levava pra ele que fazia muita cera antes de comer. “O galo está olhando, ele não quer que eu coma”. Em seguida, num átimo limpava o prato. Dormia de dia perto de casa, num local que chamávamos de barroquinha. Sentava-se num gramado em aclive e ali dormitava. A grama ficou puída de tanto ele lá deitar.

Como dormia de dia, de noite perambulava pelas estradas das redondezas.

Num tambor de latão com palha de milho amadurecíamos as bananas nanicas. Uma noite Nono comeu meio cacho. Fazer a barba e cortar o cabelo era um sufoco. Marcílio Moreira vinha mensalmente aparar-lhe barba e cabelo com ajuda de meu pai para dominar o Nono.

Vigilante, sempre de olho nos netos, eu e minha irmã eramos crianças e, em 1951, acompanhou o nascimento do sexto filho de meus pais.

Meu tio caçula, italiano, que viera com eles

queria estabelecer-se e para isso propôs vender o sítio. Dias de muita tristeza. Como podíamos ficar sem o nosso casarão, sem o nosso terreirão, sem a nossa alegria de ali viver, sem a pedreira de pedras de revestimentos, que eu era perito em abrir. Meu Nono não queria assinar a procuração para o caçula efetuar a venda. Foi coagido. Assinou à força uma cena muito triste a que assisti.

Fez-se um acordo. O sítio tinha 33 alqueires, com duas escrituras. Meu pai ficou com 8 alqueires, os Nefelibatas. Com muita dificuldade construímos uma casa para onde mudamos, sem terminá-la.

O sítio de 25 alqueires foi vendido por 750 contos para Ivo Corotini e o casarão da Rua Direita para o Carlo Pennachi, por 90 contos.

Meu tio estabeleceu-se e Baptista e Amábile voltaram pra Itália.

A despedida do Nono – eu tinha 12 anos, foi muito doída. Separava-

mo-nos para nunca mais nos ver. Muito triste, muito sofrido, muito dramático. Meu tio enricou em São Paulo. Ia todo ano pra Itália. Morreu solteiro e sua herança foi repartida entre os sobrinhos brasileiros e italianos. Já formado em letras neo latinas, com 44 aulas semanais (professor ganhava bem naquela época e as férias de verão duravam dois meses e meio, um pedaço de dezembro, janeiro e fevereiro) consegui amealhar o suficiente para um curso de um mês na Aliança Francesa de Paris. Um mês em Paris, outro para rodar pela Europa.

Uma semana inesquecível na Garfanha onde encontrei tios e primos que apenas sabia que existiam e lá estavam belos e fagueiros, fortes e rijos Baptista e Amábile.

Esse reencontro foi tão ou mais emocionante do que a despedida de 12 anos atrás. Na neve de meio metro abracei meu adorador Nono totalmen-

te restabelecido, Nono sarou. Recordava de tudo no Brasil.

Para os moradores dos “Paesi” lugarejos nas montanhas italianas, lenha é essencial. Baptista subia a mata adentro e trazia nas costas lenha para o longo e rigoroso inverno. Lá viveu ao lado da Amábile, das filhas Teresa e Beppa e dos genros Pilade e Parmiro. Três anos depois, numa excursão da mesma Transister voltei pro velho mundo, nas férias de verão aqui, inverno lá, levando meu pai e minha mãe. Antes da Itália Marrocos, Portugal e Espanha. De Roma, de taxi, fomos para Seravezza onde morava meu tio Romeo com quem meu pai pouco convivera na infância, nos 8 anos que lá viveu.

Chegamos sem avisar. Uma choradeira, um alubrimento. No dia seguinte, por estradas tortuosas, Romeu levou-nos pra Colle, sem aviso prévio. O reencontro de meu pai com meu avô,

minha avó, minhas tias foi, talvez, a cena mais bonita de que participei. Meus pais ficaram um mês, na beira da lareira, curtindo a alegria de um reencontro jamais pensado.

Eu fui encontrar com o grupo em Paris para perambular pela Europa. Na volta, a Air France em greve, conseguimos, sem pagar um tostão, um “Involuntary Derouting” e num jumbo da Panam fomos para Nova Iorque onde a prima Leda nos aguardava no Jfk. Depois de 3 ou 4 dias, pela Panam viemos para Viracopos. Viagem inesquecível, o melhor presente que dei a mim e a meus pais.

Baptista ainda viveu alguns anos. Hoje repousa no bucólico cemitério de Capricchia.

Com o avanço da cibernética o inglês, cada vez mais, avança sobre o português. Surgiu agora um tal de verbo Flopar, que significa fracassar, não atingir o resultado esperado, miar.

DEBATES TEOLÓGICOS E JOGOS DE LINGUAGEM

DANILO ZUCATO ROBERT

Frequentemente tem me aparecido nas redes sociais debates teológicos entre padres e pastores evangélicos, no qual, de forma amistosa, debatem sobre conceitos, dogmas, doutrinas e interpretações bíblicas. É interessante notar que cada lado possui argumentos históricos e textuais para defender seus respectivos posicionamentos, porém, me ficou claro que apesar de estarmos falando da mesma raiz religiosa, o Cristianismo, uma conclusão raramente ocorrerá, pois isso indicaria o fim doutrinário, dogmático e existencial de um ou de ambos os lados da disputa inicial: tese e antítese, para criarem, por fim, a síntese — o ecumenismo?

Se o caso é este, a disputa teológica pode se tornar um ‘cruzamento’ entre dois jogos de linguagem, conceito filosófico criado e desenvolvido pelo pensador austríaco Ludwig Wittgenstein (1889–1951). Para Wittgenstein, falar é como participar de um jogo: cada comunidade estabelece suas próprias regras sobre como as palavras são usadas e interpretadas, e essas regras só fazem sentido dentro de uma “forma

de vida” — o conjunto de práticas, tradições e valores que moldam aquele grupo. Dois jogos diferentes podem usar palavras idênticas, mas com sentidos profundamente distintos, assim como “rei” tem função diferente no xadrez e no baralho, embora seja a mesma palavra. E isso é o que o filósofo chamou de ‘cruzamento’. Este fato impede que a comunicação ocorra de forma eficaz, pois aplicada à teologia, vemos que muitas disputas religiosas não se dão apenas sobre “o que é verdadeiro”, mas sobre o que as palavras significam e quais regras determinam a interpretação. Assim, para que a comunicação possa acontecer de forma eficaz, o padre e o pastor, antes de mais nada, deveriam definir neste jogo de linguagem determinados pressupostos e significados, como ‘graça’, ‘justificação’, ‘pecado’, ‘salvação’, etc. Esta é a raiz da divergência histórica entre católicos e protestantes. Lembremos que o cisma protestante se dá pela discordância teológica entre Lutero e a Igreja Católica, ou seja, desde o início, este é um problema de linguagem.

Se as partes não reconhecem que estão em

jogos de linguagem distintos, o debate se torna ineficaz, pois é como se estivessem tentando jogar futebol americano e rugby ao mesmo tempo: ambos têm a mesma raiz, mas regras distintas. A disputa teológica, assim, pode se transformar em pura retórica: cada lado tentando “vencer” pela força dos argumentos, mas sem realmente entrar no mundo conceitual do outro. Isso se aproxima do que os gregos chamavam de sofística: disputa verbal onde a vitória importa mais que a verdade. Com isso, estes debates podem se tornar meros espetáculos no qual o que basta, como nas eleições políticas, é que alguém tenha o argumento vencedor ou final.

Não acredito que para os envolvidos no debate as questões disputadas sejam meramente lógicas ou semânticas: elas têm peso existencial e espiritual. Mas, considerando o problema de cruzamento de jogos mencionado, o ambiente onde ocorre o debate (rede social, podcast, programa de tv), no qual sempre há adeptos julgadores de ambos os lados (plateia, público) a disputa deixa de ser teológica para se tornar retórica. O debate se torna espetáculo.

OS CONTORNOS SEM EFEITOS

ARIOVALDO GUIRELI

Como a poeira ficava enlacrada no bernal, Juca, filho de um bom italiano bebedor de vinho e sbórnio para saber viver a vida independente, suave pelos poros e não se importava com a poeira. Apenas com o embornal que continha queijo e vinho. Olhava para o assento do cavalo que não galopava: um palerma.

Lá de longe avistava o pomar que encobria as folhas e os gomos das tangerinas que mais pareciam com os peitos das moças em meio à praia do Rio de Janeiro.

Zé Cuié, criado entre burros e bestas nas proas do rio Prainha, olhava a anca das mulheres que

batiam roupas nas pedras e fantasiava sua mente pendente de paixão. Lembrava da música do Roberto e sua forma de explodir ao jeito de amar: ...vou cavalgar de madrugada...

Ambos entendiam que a direção ficava do lado leste e prumavam para lá. A vida comprida invernalva as duas necessidades de sobreviver. O silêncio na subida do morro operava dobras e cansaços. Tropeçando procuravam harmonizar as palavras e seus contornos.

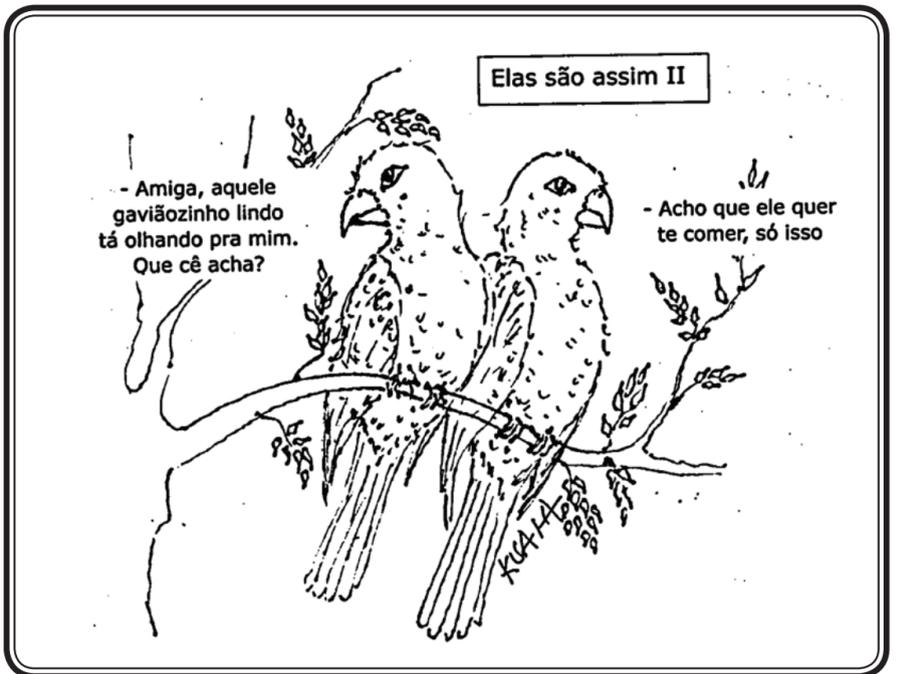
Juca respondia a responsabilidade do queijo e do vinho para o domingo com o pai e a macaronada suficiente para as bocas da casa. Alargava o seu conhecimento na vista farta do horizonte,

mas o peito inclemente lamentava melhor sorte com aquele lábio avermelhado.

Zé Cuié estremecia o inevitável, ciente que estava em resolver situações das campinas e enervava-se com o silêncio. Não sabia tratar das palavras nem mesmo quando avistava Nhá Dorinha. Que Deus abençoe a nossa vida com todas as manhãs e suas colheitas. Arregalava os olhos como sina de galopar pra longe. Assim dizia e se cumpria.

Numa tarde destas de julho entre geadas entenderam a cada sentir que o gosto estava na vida alheia e no estaleiro do chicote em cada anca.

Um tempo seco cantava!



MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)
Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automotivístico

DELTA FOTO
PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124
Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M. Sião - O. Fino - (35) 3465 1355 - 9 9114 9447

AMOR DE GATO

JAIME GOTTARDELLO

Porque há encontros que, mesmo breves, deixam no tempo uma promessa que o próprio tempo não sabe apagar.

Quase escondidos pela sombra das árvores, dois gatos se movem no telhado gasto de uma casa antiga. As telhas irregulares quase não rangem sob suas patas macias, e

eles seguem leves, como quem já conhece cada passo. Um gato preto, de olhos verdes que brilham sob a lua, para por um instante, farejando o vento. A outra, malhada de cinza e creme, surge com um miado breve, quase como um chamado.

Na calçada em frente, um homem e uma mulher caminham lado a lado. Não se tocam. Seus passos desaceleram quando percebem o movimento

no telhado.

O luar se derrama sobre os felinos, pintando seus corpos com um prateado suave. Aproximam-se devagar, até que seus focinhos se toquem. O gato lambe a orelha da companheira com a paciência de quem sabe que o instante será breve. A gata malhada responde com um roçar de cabeça, e juntos, eles ronronam baixo, como se o som fosse apenas para os dois.

Da calçada, o casal observa em silêncio. Há um brilho contido nos olhos de ambos, como se reconhecessem naquele gesto felino algo que também lhes pertence — a ternura e a urgência de um encontro que não pode durar.

Com o breve instante terminado, os gatos se olham mais uma vez antes de sumirem na sombra. Na rua, o homem e a mulher trocam um último olhar. Depois, cada um segue para um lado, carregando consigo a mesma promessa muda: talvez, em um mês, se encontrem de novo sob a mesma lua. Como os gatos.

Entre o silêncio e a distância, é a lua quem guarda a hora do retorno.

SEGREDOS

segredos não se contam se são segredos

tornam-se nada e se escondem nos silêncios

não se revelam em quaisquer momentos

segredos pertencem aos devaneios

fecham-se os olhos tapam-se os ouvidos e a alma se cala

kuaiia

FELICIDADE FACTÍVEL

PAULO FRANCO

Às vezes me sinto como Arlequim servindo a dois amos e a vida se desenha sem cor em meio a tantos atropelos e tribulações a que ela nos apresenta.

Carlo Goldoni, autor do texto que inspirou a frase acima, dizia que: “O mundo é um belo livro, mas é pouco útil a quem não o sabe ler”.

Ando vendo o mundo e a vida envoltos em gris e desejo ardentemente mudar essa realidade. Busco reunir meus sentidos para absorver o belo. Quero que o gris se encarcere apenas nas manhãs de outono, que encantam e são belas justamente por ser assim e o restante se revele em sensações, sons e visões permeadas de infinita beleza e o gris ganhe cor com a rãzinha verde de Mário Quintana.

A beleza das cordas, da madeira, dos metais, da percussão e das teclas num diálogo de perfeita harmonia quando ouço uma peça de Tchaikovsky, Beethoven ou Villa-Lobos por exemplo.

O quão singular é sentir o cheiro da terra molhada, de grama, de folha

de goiabeira, de manjerição ou daquela maçã que vinha embrulhada em papel azul.

Olhar e sentir a fragrância de uma flor, por mais efêmera e fenecida que ela seja, só nos deixa uma lembrança no dia seguinte.

A beleza revelada nas páginas de um bom livro, manuseado, exalando cheiro, sensações incontestes que a tecnologia persiste em nos afastar dia após dia.

O encanto das crianças que nos tiram do eixo com suas dúvidas e afirmações imprevisíveis para o nosso deleite.

A emoção diante de uma obra de Michelângelo ou de Van Gogh e o que essa comunhão suscita na alma.

A riqueza do abraço e do último beijo de amor que agora podem estar apenas nas nossas lembranças, mas tão presentes como o ar que inalamos.

A majestade e a imensidão do mar, suas variadas cores e aromas, da areia quente sob nossos pés e do gosto que involuntariamente sentimos; mas tudo isso o transforma em uma experiência única.

A beleza de um encon-

tro, quer seja de amor, quer seja de amizade, embalados de preferência pelo palato de um bom vinho e as delícias de uma conversa ainda melhor.

Do prazer em rever um filme em preto e branco com Bette Davis ou um filme novo de Quentin Tarantino.

Da nostalgia boa que nos revela uma recordação da infância: de uma pedra atirada no rio, daquele tombo inesquecível, do primeiro animal de estimação, do primeiro corte no dedo, do prato de macarronada que as mães faziam aos domingos, do sorriso fácil que advinha de uma brincadeira de pega pega, do bolinho de chuva, de um banho de chuva, de cachoeira, de comer jabuticaba no pé, de andar descalço, de se lambuzar com sorvete, de tocar uma campainha e sair correndo, de ouvir histórias e sonhar muito com o futuro.

Tudo isso nos transporta para um lugar, um estado onde a vida e o mundo, esse livro recheado de beleza habita, só esperando pra ser aberto e que nós dispunhamo-nos a lê-lo antes que a vida acabe e isso nos seja subtraído.

XXIII CONCURSO “FRITZ TEIXEIRA DE SALLES” DE POESIA

FUNDAÇÃO CULTURAL PASCOAL ANDRETA

O concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia firmou-se como um importante evento entre as ações desenvolvidas pela Fundação Cultural Pascoal Andreta.

No dia 30 de agosto, no auditório do Colégio Montesionense, teve lugar a cerimônia de premiação, quando foram conhecidas as poesias classificadas, bem como seus autores.

Neste ano, nas categorias Juvenil e Infantil, tivemos 188 poesias de 153 participantes e 107 poesias de 93 inscritos, respectivamente. Em ambas as categorias, neste ano, são duas vezes mais inscritos em relação à edição do ano passado, que já registrava crescimento no número de participantes em relação aos anos anteriores.

Na categoria Adulto, já consolidada, tivemos neste ano a inscrição de 2423 poesias de 1376 autores.

Poetas de todos os Estados brasileiros e do Distrito Federal, além de 12 diferentes países – Alemanha, Angola, Canadá, Emirados Árabes Unidos, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Moçambique, Portugal, Reino Unido e Sérvia – se inscreveram e, com isso, nos ajudaram na construção de

mais uma edição do concurso.

O Estado de São Paulo tem o maior número de participantes, com 330 inscrições, seguido por Minas Gerais, com 175, e Rio de Janeiro com 162. Já dos demais países, Portugal foi o país com o maior número de inscritos, 31 autores.

Nesta edição do JMS publicamos as três primeiras classificadas de cada categoria. Todas as poesias – do 1º ao 10º lugares – estão publicadas na página da Fundação Pascoal Andreta na internet: <https://fundacaopascoalandreta.com.br/xxiii-concurso-de-poesias-3/>

Classificação Categoria Infantil

1º lugar
Alysson Rocha do Nascimento
Oieiras – PI
Poesia: Infância querida
Professora: Maria Daiane Pereira de Moura Fé
Centro Olímpico Dom Edilberto Dinkelborg

2º lugar
Lorenzo Odicino Oliveira
Monte São – MG
Poesia: Os mini esforços e seus resultados
Professora: Tâmil Paes da Silva
Colégio Monte-Sionense

3º lugar
Leonardo Júnior Schonwald

Toledo – PR
Poesia: Equilíbrio
Inscrição independente

4º lugar
Henrique Moura Cortez
São Paulo – SP
Poesia: A bailarina lunar
Professora: Alessandra Leal Alves Vanicore
Colégio Objetivo Penha

5º lugar
Ana Beatriz do Carmo Alexandre
São Paulo – SP
Poesia: Haicai na Primavera!
Inscrição independente

6º lugar
Larissa Gabriely de Freitas Amaral
Divinópolis – MG
Poesia: As crianças de Gaza
Inscrição independente

7º lugar
Maria Cecília de Sousa Paz Oieiras – PI
Poesia: O eclipse
Professora: Maria Daiane Pereira de Moura Fé
Centro Olímpico Dom Edilberto Dinkelborg

8º lugar
Helena Souza Gomes Oieiras – PI
Poesia: Sou Nordestina
Sim Sinhô
Professora: Maria Daiane Pereira de Moura Fé
Centro Olímpico Dom Edilberto Dinkelborg

9º lugar
Luisa Figueiredo

Capão da Canoa – RS
Poesia: Amor entre linhas e distâncias
Inscrição independente

10º lugar
Marlyse Francisca Pessoa Feres
São Luís – MA
Poesia: Infância
Inscrição independente

Classificação Categoria Juvenil

1º lugar
Cailane Araújo Monteiro
Fortaleza – CE
Poesia: O grito silencioso da lousa

2º lugar
Isabela Daher Marques
São José do Rio Preto – SP
Poesia: Êxtase

3º lugar
Yasmin Cavalcante Varandas
São Paulo – SP
Poesia: Nas dobras do tempo

4º lugar
Ana Júlia Pereira Rodrigues
Princesa Isabel – PB
Poesia: Fotografia

5º lugar
Michelle Esmeralda Bou Obeid
Florianópolis – SC
Poesia: Espaço em branco

6º lugar
Giovanna Jacob Faria

Cardoso
Arcos – MG
Poesia: Recomeço

7º lugar
Bárbara Sessi
São Paulo – SP
Poesia: Hades e Perséfone

8º lugar
Lara Vieira Pinho
Rio de Janeiro – RJ
Poesia: Nos Fragmentos do Coração

9º lugar
Maria Clara Pavan Caleffi
Amparo – SP
Poesia: A Última Aventura do Bardo Apaixonado

10º lugar
Anna Vivian Silva Alves
Parauapebas – PA
Poesia: Qual a altura das risadas para me fazer cair?

Classificação Categoria Adulto

1º lugar
Thaise Lis Nascimento
Osasco – SP
Poesia: O Lobo e a Saudade

2º lugar
Raphael Lopes Mendonça de Carvalho
Cabo Frio – RJ
Poesia: Corsário

3º lugar
Adriano Antônio Pereira
Borda da Mata – MG
Poesia: No lugar onde guardo meu pai

4º lugar
Oly Cesar Wolf

Acampo Largo – PR
Poesia: A forma fluida do mundo

5º lugar
João Victor Nepomuceno de Oliveira
Ipatinga – MG
Poesia: Inventário das coisas que me escapam

6º lugar
Patrícia Evans Gamboa Henriques
Rio de Janeiro – RJ
Poesia: Emília

7º lugar
Izabel Reinaldo de Sousa Lopes
Sobral – CE
Poesia: Só agora eu percebi que a gente acaba

8º lugar
Mauro André Oliveira
São Paulo – SP
Poesia: Quando eu voltei

9º lugar
Carla Regina dos Santos Campos
Rio de Janeiro – RJ
Poesia: O primeiro voo

10º lugar
Ana Luclécia da Silva Santos
Pariconha – AL
Poesia: Coração de pedra e pó.

Poeta mais jovem.

Ísis Vaz de Carvalho – 5 anos
Petrópolis – RJ
Poesia: Flor Lisa

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte São - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte São - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

POEMAS - XXIII CONCURSO “FRITZ TEIXEIRA DE SALLES” DE POESIA

POESIAS CLASSIFICADAS – INFANTIL

1º lugar

Infância querida.

Infância é campo sem cerca, sem muro,
Onde o tempo se esconde e não quer passar.
A infância é brincar, é sorrir — e isso eu juro —
E o sol que não cansa de nos abraçar.

É poça de água virando um oceano,
É caixa de papelão virando lar,
É sonho vestido de pano do engano,
Para toda a infância se transformar.

Tem cheiro de bala e de chão de terra,
Tem grito correndo no quintal,
Tem guerra de travesseiro, é paz e sem guerra,
É um mundo inventado e nunca tem final.

Oh, doce da infância, tempo encantado,
Que mora no peito e sem se apagar,
Se um dia o adulto andar cansado,
Pode ser que ele vá se lembrar.

Alysson Rocha do Nascimento – 9 anos – Oeiras (PI)

2º lugar

São mini esforços que geram grandes resultados.

Às vezes, é o pouco que se faz,
Em gestos mínimos, sem alardes e em paz.
Não são os grandes saltos, ou os rugidos de força,
Mas os passos calmos que a jornada força.

Cada pequeno esforço é uma semente plantada
Na terra silenciosa de alma dedicada
Não há pressa, nem grito na madrugada,
É o tempo, que paciente, nos oferece a jornada.

O mundo não se move com um único ato,
Mas os atos que se passam com o impacto exato da escolha,
Que parecem pequenos de mais
São eles que formam o todo,
Como a areia, o cais.

O esforço constante é o que vai além
Não é só o que fazemos,
mas o que mantém a chama acessa sem o fogo aparente.
É a vida se transforma, ao longo da mente.

Grandes resultados vêm do contínuo fazer,
Do detalhe, do foco, do simplesmente.
É na soma dos gestos, na paciência do ser
Que se constrói o futuro, se aprende a crescer.

Não é no estrondo, mas no silêncio que persiste.
No leve, no suave
Onde o grande existe.
Lá no fim, quando olhamos o caminho percorrido
Vemos que os pequenos esforços foram os mais decisivos.

Lorenzo Odicino Oliveira – 11 anos – Monte Sião (MG)

3º lugar

Equilíbrio.

Sorte Deslizo sobre o concreto
como quem aprende a cair,
sem nunca deixar de voar
e sempre me levantar

O vento me conhece pelo nome,
e sussurra segredos
enquanto o chão se move
sob meus pés inquietos.

Às vezes, escapo da gravidade
só por um segundo
mas é o suficiente para saber
que o mundo é leve

Cicatrizes são mapas
de lugares onde tropecei
tentando ser pássaro.
com rodinhas nos pés.

E mesmo quando vou ao chão
há um momento grandioso
em que me ergo
como quem desafia o destino

Em cada impulso,
a doce sensação
de que o equilíbrio
é a própria ação.

No asfalto ou na pista,
a mesma vibração:
o skate no pé,
pura satisfação.

Leonardo Júnior Schonwald – 11 anos – Toledo (PR)

POESIAS CLASSIFICADAS – JUVENIL

1º lugar

O grito silencioso da lousa.

Na sala vazia, a lousa espera,
Sonhando com giz e vozes no ar,
E cada cadeira vazia revela
O quanto o saber pode se calar.

Crianças com olhos de estrelas acesas,
Mas cadernos dormindo em mesas quebradas,
A fome é a pausa entre uma ideia e outra,
A sede é de sonhos, não só de água.

A professora com passos cansados
Carrega o mundo em um giz tremeluzente,
Dá lições de coragem sem ser notada,
E ensina esperança sem ser ouvida.

Os muros da escola racham com o tempo,
Mas dentro resiste um tempo maior:
O tempo de crer que ler uma frase
Pode mudar uma vida sem cor.

Tem menino que escreve com o dedo no vento
Porque papel é luxo em sua casa,
Mas desenha o céu entre as palavras
E o mundo inteiro cabe em uma asa.

Tem menina que aprende no escuro
Porque a luz acabou de novo no bairro,
Mas lê a si mesma em voz baixa
E descobre o brilho atrás do espelho.

O quadro-negro é um campo de batalha
Onde o saber enfrenta o esquecimento,
Mas cada equação mal resolvida
É um convite à revolução do pensamento.

O lápis é arma, escudo e trilha,
Na mão de quem pouco teve pra si,
Mas ousa escrever sua própria história
Onde diziam que não podia existir.

Educar não é só passar conteúdos,
É traduzir o caos em gesto e afeto,
É dizer ao silêncio: “Você tem nome”,
É fazer do erro um novo dialeto.

E ainda assim, fecham-se portas,
Cortam-se verbas, apagam-se luzes,
Como se o saber fosse artigo supérfluo
E o futuro, um fardo que se recusa.

Mas há quem insista no quadro riscado,
Na sala abafada, no livro doado,
Pois sabe que um verbo bem conjugado
É mais forte que o medo instalado.

A menina que hoje aprende frações
Amanhã divide o pão com justiça.
O menino que decora capitais
Fundará cidades com outra premissa.

Educar é fermentar o impossível
Até virar pão e ideia mastigável.
É plantar dúvidas como sementes
E colher perguntas inesgotáveis.

É ver na criança não o que ela é,
Mas tudo o que ela ainda pode ser.
É soprar no escuro um fósforo aceso
E crer que o incêndio será de saber.

Na sala vazia, a lousa ainda espera,
E há vozes que ecoam mesmo caladas.
O grito da educação é silencioso,
Mas quando explode... ninguém apaga.

Cailane Araújo Monteiro – 17 anos – Fortaleza (CE)

2º lugar

Êxtase.

Sempre fui intensa.
Vivencio tudo em excesso.
O exagero misturado com êxtase, meu combo familiar.
Desde que me lembro, busco por uma definição.
Regra, explicação.

Minha síndrome de demasia decretada
Ao invés de simplesmente ter o vivencio
A vida e o anseio, uma sensação de cheio
Procuro, investigo.

Em meu âmago, antigo amigo.

Que face de ser serei eu?

Ideal meu se assemelha a qual?

Aquela criança sorrindo no quintal,

ou um poeta melancólico aborrecido?

Ambos persistentes ao sentir,

Se assemelham comigo.

A palavra que procuro por ora, com índole de metáfo-
ra, beldade da escrita.

Inteiramente, o vocábulo que foi-me o dia a dia

Pela primeiríssima vez em uma infinidade, foi uma
emoção singela. Tranquila.

Poesia

A estesia,

de ser puramente êxtase!

Isabela Daher Marques – 14 anos – São José do Rio Preto (SP)

3º lugar

Nas dobras do tempo.

Não tenho mais pressa,
mas também não quero parar,
o tempo dança em silêncio
enquanto tento me encontrar.

As horas se vão, distraídas,
como folhas levadas pelo chão,
e eu aqui, juntando pedaços
do que fui, do que virão.

Cada minuto me olha nos olhos,
e pergunta o que fiz com os seus irmãos,
alguns dormiram comigo em festa,
outros sangraram em minhas mãos.

O passado sussurra em vinil antigo,
o futuro ainda não quis se mostrar,
e o agora, tão breve e esquivo,
só existe se eu parar pra olhar.

Não há tempo perdido,
talvez, só tempo sentido demais.
E se a vida é esse breve talvez,
que ao menos seja um pouco de paz.

Então me deixe viver devagar,
com a calma de quem já chorou.
O tempo não espera ninguém,
mas às vezes, ele também amou.”

Yasmin Cavalcante Varandas – 16 anos – São Paulo (SP)

POESIAS CLASSIFICADAS – ADULTO

1º lugar

O Lobo e a Saudade.

Sou lobo sem dono, sem cova, sem lar.
A noite me veste de sombra e açoite.
— Por que corres? — pergunta o vento.
Porque a saudade tem presas e morde.

Farejo pegadas que o tempo apagou,
caminhos que nunca me levam de volta.
— O que buscas? — sussurra a terra.
O gosto do ontem nos ossos da volta.

Sou fera faminta de cheiros extintos,
uivo teu nome, mas nada me atende.
— Quem esperas? — zomba a lua.

(Quem já se fez neve e não mais me sente.)

Minhas garras rasgam memórias ocultas,
sou fera ferida na pele do tempo.
— Por que sangras? — ri o abismo.
Porque a saudade me caça por dentro.

Corro em círculos, devoro meu rastro,
sou lobo sem alcateia e sem chão.
— Quando paras? — sussurra a ausência.

(Quando teu nome morrer na escuridão.)

Thaise Lis Nascimento – Osasco - SP

2º lugar

Na sala de aula.

É noite. Um urutau no mastro trina
e no convés ressoa, triste, a flauta.
Em busca de uma rota clandestina,
tremula o pavilhão da Cruz de Malta.

Um clima de intempérie predomina,
enquanto, como um épico argonauta,
navego sob o manto da neblina
sentindo o frio hostil da tua falta.

Em meio às incertezas do regresso,
escrevo-te uma epístola e arremesso
numa garrafa, oclusa, para o mar...

“Meu terno amor dos fados lusitanos,
nas vastidões dos solos e oceanos,
como eu te amei, ninguém irá te amar!”

Raphael Lopes Mendonça de Carvalho – Cabo Frio – RJ

3º lugar

No lugar onde guardo meu pai.

Não é uma gaveta.

Não é uma foto.

É um lugar que não fecha.
Cabe o som da risada,
o cheiro de graxa,
o modo certo de pendurar a toalha.

Ele mora onde moram
os gestos que aprendi sem saber,
as palavras que repito sem notar,
a ausência que senta à mesa
como se nunca tivesse saído.

Ali, ele é inteiro.
E eu, um pouco mais também.

Adriano Vox – Borda da Mata – MG

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Prainha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

UMA PRAÇA EM JULHO DE 2025

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

Um potente Vixion-kopioRx, da Constelação de Héculas, bem da Estrela 14 Herculis, mirou pra terra suas lentes numa suma luz e capturou incomparável imagem da Terra. Ahhhh! Ficaram maravilhados!!!! Num semi-instante, moldável nave Kosmica chispou viagem rasgando Kosmos, venceu estrelas, sistemas planetários, mergulhou num imenso mar de matéria escura, se enfiou por um atalho buraco de minhocoçu, driblou corpos no cinturão de Oort..., ...De repente, coisa de dois anos, isso mesmo, dois anos, entra em nosso sistema solar, e já vem pra TERRA, que era o destino certo: A EXUBERANTE PRAÇA CENTRAL COM IGREJA NO TOPO. Xééé, entrou em nossa órbita, atravessou as camadas que protegem a Terra, nenhum sinal de pressão ou impacto atmosférico, vence a gravidade, nem vermelha ficou, e desce em Monte Sião, frente à PRAÇA, quase imperceptível...

Motores ou reatores; ou sei lá o quê, pairamm-uummm zuuuumm... bem

leve silêncio, é que a nave permaneceu suspensa no ar, meio altura das casas, do coreto, da rua dos Guarda-Chuvas... compondo jogo caleidoscópico envolto rala névoa... Povo de Monte Sião chegou pra ver o que que há agora, curiosos saindo das lojas, alguns ressabiados, outros, achando que estavam sendo chamados ou homenageados, daí, alguém gritou que Monte Sião é visitado até por ETS. Nós agradamos até os ETS, povo!!!!...

Passa um tempinho..., ...e uma escotilha se abre, saem da nave umas pessoas com caras de pesares, indignados: gente, pense numa grande decepção! Então, um deles se põe a falar num megafone. Onde está a Praça, onde está a Praça que nos encantou, quando olhamos de nossa casa, em 14 Herculis C, tão linda, de sem igual, com árvores adornadas, parecendo seres vivos que andam, passeiam, falam, onde está aquela Praaaaaa??? Agora o som ecoou pras serras, Buenos Brandão, Ouro Fino, Jacutinga, Lindoia, Águas... Capturamos imagens, lá do nosso planeta, que está a 50 anos luz da terra, e aqui agora, hoje,

o que vemos é um lugar desconfigurado, com as árvores-seres aleijadas, e se não bastasse, um barracão antagônico no centro, no centro, no centro!!!!... tampando tudo, e a Igreja, e os Santos da Igreja... Vexx Koossmoss!!... (acho que foi um xingamento)

Nesse momento, descem da Igreja os Santos, todos, que não aguentavam mais ficar calados, se juntam aos viajantes, e tramam tensa força d'uma Latomia da Paixão: Choro mesmo! Ninguém sabia o que fazer; ninguém sabia se era bom ou ruim aquele barracão que feria os olhos dos Santos da Igreja e dos visitantes de 14 Herculis C.

Isso não demorou muito, viu, gente, os Santos voltaram para seus silêncios da Igreja, e os visitantes entraram na nave: pi-co-ta-ram, pi-ca-ram, raaasgaram, dava pra ver, toda as imagens que fizeram, hoje, da praça central... E a nave sumiu num piscar de olhos.

Povo local ficou sem entender nada.

É, seu Sagan, o Universo gosta mesmo é de coisas maravilhosas. Devem ter ido visitar Pirâmides e Linhas de Nazca, pra não perderem a viagem.

“TÔ VOLTANDO SEMPRE, ATÉ JÁ, MONTE SIÃO!” - MOACIR FRANCO

L. A. GENGHINI

Durante as férias de julho, Monte Sião ficou toda festiva, enfeitada, e cheia de gente! Era a exposição de malhas, eventos esportivos, shows musicais, rodada cultural e uma infinidade de opções de compra de malhas, de doces e queijos e da indefectível porcelana azul e branco, um dos cartões postais da cidade.

Na sexta-feira, 11 de julho de 2025, boca-da-noite, chegados de São Paulo, estacionamos nossa condução na praça Prefeito Mário Zucato determinados a passar algumas horas alegres no Boulevard e assistir ao anunciado show do jovem-veterano Moacir Franco.

Pouco depois da hora marcada, uns 30 minutos, os músicos iniciaram a performance e logo surgiu dos basti-

dores o nonno Moacir Franco, carregado de energia e carisma.

Cantou sucessos antigos e recentes, verdadeiros clássicos da música brasileira, falou com o público, interagiu, desceu até a plateia, cantou mais, dançou e continuou alegrando todo mundo com muito carisma e simpatia.

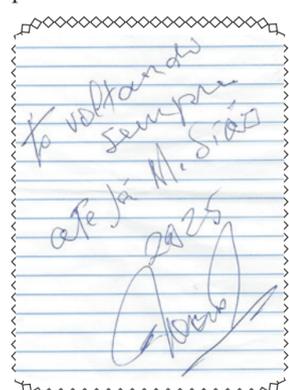
Assim, por um período de duas horas embalou com muito amor e carinho todas as almas que por lá se encontravam, inclusive nós.

Findo o show, fomos até o camarim em busca de uma breve prosa e de um autógrafo sendo prontamente atendidos pela equipe que, com muita gentileza, nos aproximou do autor com quem trocamos rápidas impressões e afinal nos deixou uma mensagem a Monte Sião e o seu

autógrafo para eternizar aquele momento.

Caro Moacir Franco, me permitindo falar pelo povo de Monte Sião, aqui você será bem-vindo porque você frequenta nossas casas e nossas vidas desde sempre por intermédio de suas músicas e de seus muitos personagens na televisão e no rádio. Obrigado Moacir Franco, pela lição de vida e de jovialidade. Realmente, valeu a pena!

Até qualquer hora, pessoal!



MATHEUS ZUCATO

No morro da cidade, num dia seco de inverno, num caminhar lento de exaustão, na hora mais fria da dor em nossos ossos duros dos pés, encontrei, por fim, a hospedaria da qual já nem me lembro o nome. A cidade esvaziava-se de modo cada vez mais triste, o povo a se abrigar nos casebres antigos, semibandoados. Passei por um homem que dormia bêbado num banco da praça, sob um saco vazio de grãos, opção única de se esquentar e

dormir com tanto frio, sem comida e sem um canto de repouso. Pensei em lhe dar o meu cantil com cachaça, mas senti muita pena — e um pouco de medo — de o acordar.

Quando entrei, tive o atendimento esperado. De algum dos quartos chegava o som de uma vitrola com defeito. No saguão da recepção, a capa do disco de uma sinfonia de Mahler estava largada na prateleira de uma velha estante. Quando o atendente emburrado percebeu para onde eu dirigia o olhar, logo adian-

tou a resposta da pergunta que imaginava vir a seguir: “um tostão o aluguel de qualquer disco. Duas horas no máximo.” Bem, era um dinheiro que eu não tinha. Ele continuou: “Tá aqui a chave. O quarto é o 14, primeiro andar. Aqui só tem escada. Não tem refeição. Tem água da torneira no banheiro. O quarto é de dividir, já têm dois lá, cabem quatro. O telefone só aqui embaixo, o aluguel é...”, e o interrompi, desejando-lhe boa noite. Ele, mais contente do que surpreso, se retirou para a leitura do almanaque de porcelanas chinesas que o entretia antes.

Duas senhoras de avental sujo passaram por mim felizes e se dirigiram a um compartimento fechado como fosse um escritório, de porta com janela e persiana cerrada. “Hoje é dia de pagamento, quer vir comigo?” disse uma à outra. Lá de dentro saiu o aroma já morto da refeição das horas anteriores, bem como os últimos sons de panelas sendo guardadas. Olhei feio para o recepcionista que continuava a ler seu almanaque, ensimesmado.

Quarto pequeno, janela alta, diante de uma copa de árvore desnuda. Um homem roncava muito alto, como dormisse profundamente, apesar do frio. No outro beliche, um rapaz deitado voltado para a parede não fazia som. Parecia também dormir. Tive de escolher dentre uma das camas de cima, e escolhi a de cima do homem silen-

cioso. Não me lembrava de carregar uma mala de mão, somente o cantil com aguardente no bolso do paletó, mas imaginei tê-la deixado pendurada num dos vários ganchos de cais que enfeitavam o quarto. Certamente serviam para redes improvisadas, em caso de superlotação. O material do beliche ranguu tão alto quando subi, que os dois outros hóspedes levantaram a cabeça, atentos. Desculpei-me e me acomodei de uma vez na cama de cima, mesmo com o medo de cair com o colchão sobre o homem silencioso, no caso de o estrado se romper. Ele mal se importou e virou para a parede novamente. O outro voltou a roncar, também de costas.

Sonhei com uma chuva de um punhado de gotas de chumbo a tilintar no chão. Quando despertei, o homem silencioso da cama de baixo me olhava enquanto batia com a base de seu isqueiro no ferro da cama. A cena era tão inesperada a mim, que nem tive tempo de me assustar com o seu rosto a me encarar. “Ei, esta é a minha cama. Queira sair, sim?”, foi o que me disse. De imediato, quase lhe pedi desculpas, mas lembrei que ele dormia na cama de baixo quando entrei, e que não disse nada quando subi no colchão de cima. Concluí que não era a sua cama. Franzi as sobrancelhas, de maneira que percebesse minha perplexidade.

“Ei, você está na minha cama. Queira sair, sim?”, repetiu. Diante de sua in-

sistência e do cansaço da noite que nos assolava, apenas perguntei se ele iria deixar a cama de baixo para mim. Ele continuou: “esta é a minha cama. Fico aqui.” A cama ranguu tanto que acordou os dois homens do beliche ao lado. O que roncava comentou qualquer coisa sobre o horário, e o outro, um novo hóspede de bigode que eu não tinha percebido entrar no quarto, perguntou se estava tudo bem. Ninguém respondeu nada, na inquietação de retornar ao sono que fugia pela madrugada.

Desta vez não me lembro de ter sonhado, mas acordei com o homem de bigode empurrando minha perna com o pé. Sentei-me depressa, assustado, e ele resmungou que não precisávamos de movimentos bruscos, pois ainda era madrugada e os outros dormiam. Perguntei o que queria, e ele me disse, um tanto tímido, porém decidido: “o senhor está em minha cama, e eu preciso dormir”. Incrédulo, percebi que no beliche do outro lado do quarto o primeiro homem ainda roncava, enquanto a cama de cima estava vazia. Perguntei se não era aquele o seu colchão, e ele respondeu um pouco irritado, “esta é a minha cama. Se importa?”.

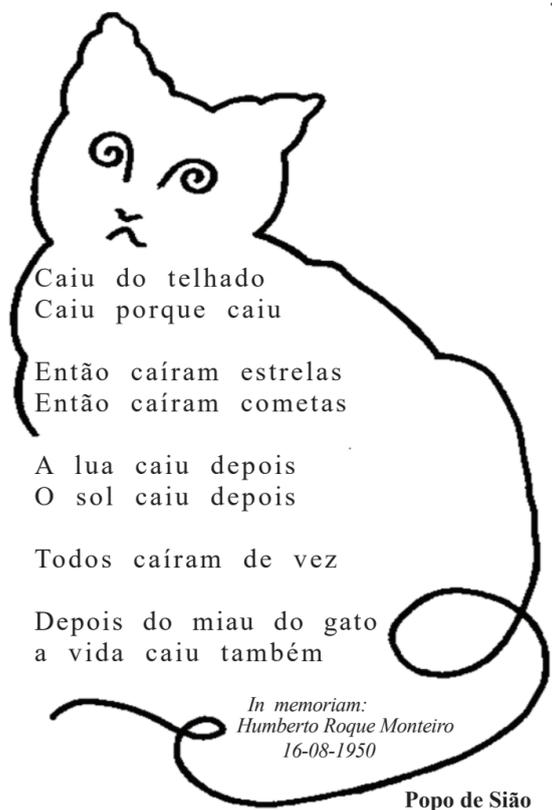
Estranho. Pensei que me pregavam uma peça. E aí me passou a ser impossível dormir na cama de cima do outro lado do quarto, nem tanto pelo ronco do homem abaixo de mim, mas pela aflição certa de ser acordado novamente assim que

dormisse, dessa vez pelo que roncava. Considerei o frio, a fome e a inquietação, e tomei alguns goles da cachaça para solucionar de uma vez os três. Conforme percebia o calor saciável da tranquilidade a me invadir, imagens oníricas perambularam diante de mim. Um carrossel pipocado de luzes girava num parque de diversões que muito antes frequentei. A joia principal do carrossel era ela, a minha noiva, vestida com um de seus belos vestidos de renda. Eu corri e sentei ao seu lado, e ela acariciou os meus cabelos enquanto sorriamos deliciosos. Acordei assim, num silêncio, sem o ronco a ecoar pelo quarto, pois o seu emissor, o homem do colchão debaixo do meu, me acariciava os cabelos e me olhava como um pai preocupado. Pulei sobre o colchão e me encolhi longe dele, próximo à janela, meu sangue me fervia o rosto. “Você sabe que esta não é a sua cama”, ele disse. “Pode sair? Preciso dormir. A noite logo acaba”.

Havia um aviso de desvio no meio da rua que contornava a praça. Uma árvore cobria um banco gelado e escuro. A fome apertada, o sono irritava, a noite pesava. Encolhi-me sob um saco vazio de grãos que encontrei largado atrás do banco e bebi o restante do cantil. Dormi na noite dolorida, muito embriagado, e a me alentar na única opção de calor e sono possível, sem comida e sem um canto de repouso.

REPOUSO

O GATO



Caiu do telhado
Caiu porque caiu

Então caíram estrelas
Então caíram cometas

A lua caiu depois
O sol caiu depois

Todos caíram de vez

Depois do miau do gato
a vida caiu também

In memoriam:
Humberto Roque Monteiro
16-08-1950

Popo de Sião

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

CAMINHANTES NOTURNOS

VALDO RESENDE

No início da madrugada, o carro deslizando com velocidade sobre o asfalto, as construções às margens da estrada tornaram-se o que, ultimamente, as pessoas chamam gatilho. Prefiro escrever que acionaram lembranças, despertaram memórias. Tentei em vão visualizar a escola onde lecionei, assim como a empresa em que trabalhei um grande amigo. Já haviam ficado para trás.

Entramos em um trecho em que, seguramente, eu não passava há oito, dez anos. Os versos da canção de Caetano Veloso e Gilberto Gil tornados realidade: “Tudo ainda é tal e qual, e no entanto nada é igual”. A capital São Paulo, gigante que nunca dorme, é o cenário de milhões e milhões de histórias. Sou um cisco irrelevante, incapaz de acordar a cidade. Mas ali estão as minhas lembranças, testemunhas do que vivi.

Houve um dia em que, após passar em um concurso, saí de Santo André, no ABC, em direção à Rua Dr. Vila Nova, na Vila Buarque. Uma imensa chuva provocara enchente e o trânsito, parado, me impedia atravessar um trecho da Avenida do Estado. Eu não conhecia a cidade e, preocupado em chegar no horário a tempo de realizar a entrevista de admissão, resolvi con-

tornar a enchente tendo como rumo os edifícios centrais, o norte correto dado pela torre do antigo Banesp, hoje sede e propriedade privada.

Próximos de entrar no elevado sobre o Rio Tamandateí percebi, que a fábrica da Arno não está ali, onde sempre esteve. Quando será que fechou? Ainda existe tal marca? Também, há séculos não careço comprar eletrodomésticos. Ficou para trás a fábrica, também ficou no passado a gravadora de discos que me encantava por saber que Ângela Maria, Elza Soares e Milton gravaram discos ali, em qual prédio mesmo? O da esquina, próxima da igreja horrorosa e caça níquel do outro lado da avenida, tão cheia de luzes quanto uma padaria.

Senti vontade de voltar ao Ipiranga, passar pela Avenida Nazaré e chegar ao antigo Instituto de Artes, onde estudei. Mas já descemos do viaduto sobre o rio e evito olhar para o quartel, prestando atenção na Estação do Metrô Pedro II. Sinto-me a caminho de casa. Entramos no trecho da Radial Leste que ligará com o Elevado João Goulart, o Minhocão. Durante quarenta anos passei por essas avenidas e ruas, praças e parques. Estou a caminho de casa.

Meus companheiros de viagem ignoram meus pensamentos, conversam sobre os benefícios do

alho, cru, em pedaços. O chá é bom, mas perde um pouco a potência e retarda o efeito curativo. Chá de alho! O motorista segue atento ao tráfego e ignora a entrada para meu antigo lar. É rápido e já passamos em frente ao Teatro Oficina. Meu destino deixa de ser minha casa para ser meu trabalho. O carro faz parte do trajeto que percorri nos últimos anos antes de me aposentar.

Sob o elevado, em um semáforo fechado da Avenida Amaral Gurgel, percebo ainda os resquícios de noites efervescentes da década de 80. Passava por ali em direção ao CPT de Antunes Filho, andava de um lado para o outro para cobrir eventos das boates da região para a revista em que escrevi, onde vi os primeiros shows de sexo explícito, presenciei uma briga tenebrosa no Bar Quadrado, em frente ao Bar Redondo em madrugada como esta, em que atravessamos a cidade rumo ao lar dos nossos hóspedes.

Nosso destino é a Avenida Barão de Limeira, que conheci em relações de trabalho com a Folha de São Paulo. Chegamos ao destino. Despedidas rápidas, pois é tarde e o domingo já está prestes a receber os primeiros raios de sol. O frio é intenso e eu quero voltar para casa, a de agora, no litoral onde a temperatura mesmo fria é sempre

mais amena que na Capital.

Estou cansado. A noite foi intensa e todas as lembranças que vieram à tona misturaram-se a flashes de outras histórias, muitas pessoas, vários lugares. Se acionadas com tempo sei que estão todas dentro de mim. Alguns deslizos e falharão as datas corretas, os nomes completos. Um ou outro detalhe se perdeu, talvez com hipnose seja resgatado, mas se foi perdido que fique por lá. Importa o que emergiu, o que está quente, pleno de vida dentro de mim.

Ah, São Paulo! Só um momento, só pequenas lembranças de um ser comum. Quantas outras em seus milhões de habitantes? Outras tantas em viajantes, já distantes. Volto a Caetano para afirmar que o “errante navegante, quem jamais te esqueceria”. São Paulo não é a minha terra. É a maior parte da minha vida! De tantos outros que, trafegando madrugada adentro por suas ruas e avenidas, se derretem de amor e gratidão, até mesmo pelo emprego perdido por não chegar à tempo por conta de uma enchente.

São Paulo, 09/08/2025. Para meus companheiros de viagem, Patrícia Remondini, André Manzoni e Flávio Monteiro. O título desta crônica refere música d’Os Mutantes (Arnaldo Batista e Rita Lee).

ESCOLA TEMPLO SAGRADO

Escola templo sagrado
Que ensina crianças a ler e escrever
Seu corpo docente deve ser respeitado
Pois estão cumprindo com o seu dever

CEIM – Trem da Alegria
Que em nossa cidade transita
Pois com seu labor todo dia
Encanta Monte Sião tão bonita

Uma escola meritória
Desde sua fundação
Seu passado tem história
Com nossa querida Monte Sião

Hoje atende 232 crianças
Em duas faixas de idade
Como se fosse um jardim da infância
Onde reina a paz e a bondade

Quem ensina é o professor
Aos alunos com vontade
E quem dirige é o diretor
Como se fosse uma faculdade

Mas todos os que lá labutam
Merecem todos os louvores
Pois todos os alunos os escutam
Com suas idades e primores

Trem da Alegria percorrendo
Os caminhos do futuro
E os alunos aprendendo
Ensinos com muito apuro

Trem da Alegria triunfal
Seus ensinamentos não param
[um instante
Criando o Projeto Magistral
Que é Sacola Viajante

(Ao ler a crônica assinada pela Betânia da Silva, diretora da CEIM - TREM DA ALEGRIA publicada no Mote Sião, edição 629 - novembro de 2024)

Arlindo Bellini

LIVRO DO ALCINO QUE ASSINO

DURVAL TAVARES

Depois de longos e bons dias em Monte Sião, o casal Parmiro -Ema partiu bem cedo naquele domingo, primeiro de abril de 1962, rumo à cidade de Ouro Fino, onde o casal ficaria hospedado numa pousada administrada pela mulher e empresária da dupla Manga e Mengo que tinha ali o seu domicílio. Para maior clareza, Ourives era mulher do Mengo e empresária da dupla.

Na cidade, o casal passaria a frequentar rotineira e obrigatoriamente o Santuário de São Francisco de Paula E Nossa Senhora de Fátima, exigência do Padre Alcino (nome fictício, claro) que, a pedido do prefeito, o convidou com a finalidade de dar nova alma ao coral da igreja e de implantar um coreto ao estilo daquele que tinha sido construído em Manguá.

Na chegada, logo cedo em Ouro Fino, o

casal foi recebido pelo Padre Alcino, bom sujeito, fino, merecedor de todo o respeito e que, com muito bom jeito, sempre pedia aos que na igreja entrassem (óbvio) a assinatura no livro de visitas colocado bem na entrada. O Alcino costumeiramente sempre exigia isso também do maestro Parmiro que, sorrindo e em tom amistoso, lhe respondia: Alcino, assino, assino, assino. E isso ocorria todo santo dia. Bastava o Parmiro por os pés na soleira da entrada da igreja, o Alcino até ele corria e pedia, ou exigia, a assinatura no livro de visitantes. Será que Seu Parmiro, o idealizador e construtor do coreto de Manguá, o maestro da Banda Manguacinos, o compositor do Hino Manguaense, teria feito tanta fama na região? Talvez tivesse se destacado um pouco mais (non più de un po’) do que seu filho Massimo (o Dom Quexoto), produtor de boas cachaças

de alambique distribuída em toda a região. Provavelmente não seria esse sucesso o motivo, não seria apenas um pedido de autógrafa, porque o padre exigia a assinatura no livro, pelo que se via, de todo ser vivente que se fizesse presente. Virgem Santa, a exigência da assinatura era tanta que, num casamento de que participara do coral como maestro convidado, Parmiro assinou o livro na noite do sábado e, quando voltou para a missa matinal no domingo, ao assinar novamente – assinatura protocolar – lá estavam, em linhas adjuntas, duas de suas assinaturas – a do sábado e a do domingo. Não à toa aquele já era o livro de número 7. Os seis primeiros estavam bem arquivados na sacristia. Tantos livros deram a inspiração (motivo, de fato) para que o maestro compusesse um belo e marcante hino: “Assino o Livro do Alcino em homenagem ao Menino da Porteira de

Ouro Fino”. Uma canção que o transformou num ícone da cidade ao encher de orgulho o povo da região, especialmente ao falar das belezas da cidade e trazer com muito bom tino e carinho a figura do saudoso menino. Provavelmente em decorrência do sucesso de tão bela canção, em bem pouco tempo ampliou-se o turismo regional e o maestro recebeu o título de Cidadão Ouro-Finense na assembleia local. Teria sido a divulgação da existência de livro tão importante fosse o real motivo de se formar fila na entrada da igreja? Uma canção escrita em Ouro Fino pelo seu Parmiro valia muito, tanto que lhe rendia saudações por onde passava, recebendo, inclusive, convites para participar, sempre com sua flauta, de diversas festividades e de campanhas de caridade.

Certo dia, no entanto, e para seu descontento, depois que sua

nova banda passou a tocar com frequência sua composição “Saudade de Manguá”, uma Ode (sei lá o que é isso) e não um Pagode (esse sei bem o que é), recebeu muitas críticas de políticos que o levaram a pensar e, em seguida, a compor uma música de protesto profunda: “Se tiver que agradecer a todo mundo, fico mudo ou me mudo”. Essa música acabou por ser muito bem recebida porque a população de Ouro Fino, a ele grata, entendeu que todos sentem saudades de suas origens. Italianos da Itália, portugueses de Portugal, espanhóis da Espanha, japoneses do Japão, enfim, saudade da terra natal. Saudade muito bem expressa na composição de cada uma das primorosas canções que a nova banda, “Os Finos de Ouro Fino”, sempre tocava na praça da igreja matriz (ainda não estava pronto o coreto local): “Saudade de Ouro Preto”, “Saudades de Matão”, “Saudade da

Minha Terra” e “Saudade de Manguá”.

Seguiram-se os dias até que, no Natal, a saudade apertou de vez o peito do Parmiro e alojou-se na cabeça de Dona Ema. Saudade da sua terra, da sua turma, dos seus filhos e netinhos. Precisavam voltar, decisão que agradaria por demais da conta aos que nunca deles jamais esqueceram, entre eles o Quexotinho. E voltaram na certeza de que num belo dia retornariam a Ouro Fino, não sem antes ficar bons dias em Monte Sião, porque também amigos lá deixaram. Parmiro, quando a lembrança mudasse de categoria e se transformasse em saudade, produziria uma canção: “Saudade do Livro de Ouro Fino”. L’importante è vivere felici, a Manguá, a Monte Sião, a Ouro Fino, in Italia.

Dall’Italia, la nostalgia taglia come il filo del rasoio. Ciao.

LEMBRE-SE DE QUEM VOCÊ É

LEONARDO LABEGALINI

Era uma manhã ensolarada, mas com aquele vento leve que convida para um café quentinho. A cafeteria do bairro estava movimentada: xícaras tilintando, aroma de pão de queijo no ar e o burburinho das conversas misturando-se à música suave que tocava ao fundo.

Téo chegou apressado, com um semblante pensativo, e encontrou o Líder Inspirador já acomodado em sua mesa favorita, perto da janela.

— Bom dia, Téo! — cumprimentou o Líder com um sorriso. — Está com cara de quem passou a noite conversando com os próprios pensamentos.

— É... ando me sentin-

do meio perdido — confessou Téo, sentando-se. — Sabe quando você está fazendo um monte de coisas, mas sente que não está vivendo de acordo com quem realmente é?

O Líder se recostou na cadeira, mexeu calmamente no café e respondeu:

— Isso me lembra uma história que talvez você já conheça... a do Simba, do filme O Rei Leão.

Téo sorriu. — Conheço, mas não lembro de todos os detalhes.

— Simba era o filho do rei Mufasa. Depois que seu pai morre, ele é manipulado pelo tio, Scar, a acreditar que a culpa era dele. Com medo e vergonha, ele foge para longe do seu reino. No caminho, encontra Timão e Pumba,

que o acolhem e ensinam um estilo de vida leve, divertido... mas completamente diferente da sua essência de leão. Ele para de caçar, começa a comer insetos e vive como se não tivesse responsabilidades.

— Fugindo da própria verdade... — completou Téo.

— Exato. Por anos, Simba viveu acreditando que era algo que não era. Até que Rafiki, o macaco sábio, o encontra. Dá-lhe umas boas pauladas com o cajado e diz: “Lembre-se de quem você é”. Pouco depois, Nala, sua amiga de infância e futura esposa, o reencontra e reforça essa mensagem: que ele era o verdadeiro rei e precisava voltar para assumir seu lugar.

Téo se ajeitou na ca-

deira, absorvendo as palavras.

— Ou seja, só quando ele lembrou quem realmente era é que ele se tornou o que nasceu para ser... o rei.

— Isso mesmo, Téo. E sabe qual é o problema? Muitos de nós vivemos como Simba no exílio. Fugimos da nossa essência, nos adaptamos a um “Hakuna Matata” que pode até parecer confortável, mas que nos distancia da nossa missão real. Vamos acumulando hábitos, crenças e rotinas que não têm nada a ver com quem somos de verdade.

Téo ficou em silêncio por um instante. — E às vezes nem percebemos que estamos fazendo isso...

— Sim. Por isso é tão

importante parar e se perguntar: “Eu me lembro de quem eu sou? Eu estou sendo quem nasci para ser?”. Porque só quando sabemos quem somos é que podemos nos tornar, de fato, aquilo para o qual viemos ao mundo.

O Líder apoiou as mãos na mesa e olhou firme para Téo:

— A vida vai tentar te distrair, te moldar, te convencer a ser algo mais “seguro” ou “aceitável”. Mas, no fundo, você sabe quando está vivendo longe da sua essência. E o pior? Se você não ocupar o lugar que é seu, ninguém mais pode fazer isso por você.

— Então, o primeiro passo é lembrar... — disse Téo.

— Isso. Lembrar de

quem você é. Olhar para dentro e se reconectar com seus valores, talentos e missão. Quando você se lembra, você retoma a coragem de voltar para o seu “reino” e fazer o que nasceu para fazer.

Téo respirou fundo, como quem acabava de receber um empurrão na direção certa.

— Acho que encontrei minha “Nala” e meu “Rafiki” hoje... — disse, sorrindo

O Líder riu. — Então é hora de voltar para o seu reino, Téo.

Enquanto saíam da cafeteria, Téo já sentia uma energia diferente. Não sabia exatamente quais passos dar, mas sabia de uma coisa: lembrando-se de quem ele era, não seria como errar o caminho.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

SURGE A SOLUÇÃO

JOSÉ ANTONIO ANDRETA

A solução para o problema dos fazendeiros do Eleutério de Cima começou a aparecer em 1831, depois que o imperador D. Pedro I, fustigado por uma crise política extremamente grave, foi obrigado a abdicar do trono brasileiro em favor de seu filho D. Pedro II, então uma criança de cinco anos de idade. O tutor do menino D. Pedro II, José Bonifácio de Andrada e Silva, sabia que grande parte dos oficiais do Exército defendia a proclamação da República e temia que esses oficiais destinassem o imperador antes que ele atingisse a maioria e pudesse assumir o trono. Para combater esta ameaça, foi criada a Guarda Nacional, uma milícia paralela ao Exército Brasileiro que tinha o objetivo de defender o regime monárquico. Para formar a Guarda Nacional foram recrutados líderes com

fortes ideais monárquicos, principalmente entre os proprietários rurais, que, acima de tudo, temiam que o fim da monarquia significasse também o fim da escravidão no Brasil, o que seria desastroso naquela ocasião para o cuidado de suas lavouras. A Guarda Nacional tornou-se, em pouco tempo, uma milícia tão ou mais poderosa que o Exército Brasileiro. Assim, se o Exército tentasse proclamar a República, teria de guerrear contra a Guarda Nacional — e com grande probabilidade seria derrotado.

As patentes da Guarda Nacional, nos primórdios da corporação, eram reservadas a pessoas que passavam por uma severa averiguação para avaliar sua fidelidade aos ideais monárquicos. A senha para a aprovação dos nomes indicados era a expressão “é amigo da monarquia constitucional”, escrita pelos avaliadores nos documentos apresentados pelos candidatos.

Por mais de quarenta anos a Guarda Nacional cumpriu o papel de sustentar a monarquia brasileira. No final do segundo império, porém, ela entrou em rápida degradação e suas patentes passaram a ser vendidas a pessoas que as usavam como substitutas dos títulos de nobreza. Em 1918, ela foi praticamente extinta pelo presidente Wenceslau Brás.

Na década de 1830, porém, uma patente da Guarda Nacional indicava que seu detentor era um defensor incondicional da monarquia, tinha sido rigorosamente avaliado antes de recebê-la e dispunha de recursos financeiros para mobilizar tropas caso necessário.

Antonio Bernardes de Souza era um dos maiores proprietários de terras do Bairro do Eleutério e, com cerca de trinta e dois anos de idade, recebeu a patente de Major da Guarda Nacional. Dois outros fazendeiros do Bairro do Eleutério também recebe-

ram tais patentes: o Capitão Francisco Joaquim de Gouvêa e o Tenente Joaquim Vaz de Lima. A patente de Major ostentada por Antonio Bernardes de Souza indicava que ele era o mais rico fazendeiro do Bairro do Eleutério e que tinha ascendência sobre os demais fazendeiros da região.

O Major Antonio Bernardes de Souza e os dois outros oficiais da Guarda Nacional passaram a manter contatos frequentes com as pessoas poderosas e influentes que coordenavam a Guarda Nacional. Essas pessoas poderosas e influentes, sabedoras das aflições do Major Antonio Bernardes de Souza e dos demais fazendeiros do bairro do Eleutério de Cima, podem ter sugerido a eles a solução para que suas terras ficassem na Província de Minas Gerais, do modo como queriam.

Esta solução consistia em criar um arraial dentro do território definido

como pertencente à freguesia de Socorro, construir nele uma capela e conseguir junto à Igreja Católica a elevação da capela a curada. Quando isto ocorresse, tais pessoas poderosas poderiam influir para que na delimitação da freguesia da nova capela curada fosse incluído tanto Eleutério de Cima como o Eleutério de Baixo. Como o Eleutério de Baixo estava claramente sob jurisdição da Província de Minas Gerais, o território atendido pela capela curada deveria ficar sob a administração da Província mineira. Não é possível determinar-se quando este plano foi engendrado, mas ele deve ter sido traçado depois de 1835.

É provável, também, que tais pessoas poderosas e influentes tenham oferecido ao Major Antonio Bernardes de Souza o apoio logístico necessário para dar início à implantação do plano: a contratação de um engenheiro

que ajudasse a escolher o local onde o arraial deveria ser criado e projetasse o traçado básico do novo povoado.

Ao Major Antonio Bernardes de Souza cabia convencer os outros fazendeiros a concordar com a proposta e fazer com que eles se comprometessem a construir suas casas no arraial a ser criado. Talvez não fosse tão difícil: alguns deles já tinham reclamado que suas famílias viviam muito isoladas nas sedes das fazendas e eles próprios sentiam necessidade de viver em uma comunidade.

É possível, embora não se possa provar, que essas pessoas poderosas e influentes fizessem parte da família Veiga, que foi muito influente na política do Segundo Império e que talvez houvesse, atuando junto com a família Veiga, uma organização também influente e poderosa nos tempos do Império Brasileiro: a Maçonaria.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ilson João Mariano Silva (*in memorian*), Ivan Mariano Silva (*in memorian*), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (*in memorian*), José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (*in memorian*), Valdo Resende e Zeza Amaral (*in memorian*), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

O FAZEDOR DE BORBOLETAS

J. CARLOS GROSSI

Gostava de nascer borboletas nos pequenos sábados à tarde. Uma paixão por asas coloridas. Desceu ao porão e abriu a caixa de ferramentas lúdicas e delicadamente retirou pincéis, tubinhos de tinta, madeirinhas retorcidas, paninhos estampados e o frasco azul de poção mágica, onde havia colhido suas lágrimas.

Demorou-se um pouco na foto da mulher anoi-tecida e coçou os olhos.

Depois colocou a foto no bolsinho da camisa, sobre o coração manso e sentou-se no banquinho de madeira. Acendeu a luz da bancada e curvou-se sobre seus pensamentos. Às vezes comprava pãozinhos de castanha, hoje se esqueceu. Vivia esquecido. O mundo lá fora lhe desinteressava desde que a esposa anoiteceu. Um escuro que inundou a casa e as pequenas coisas. Os vasinhos de flor, a máscara de Veneza, as fotos de Lisboa e o livro do Jorge Luis Borges.

Assim suas borboletas dinhos óculos nas abas do nariz e deixou que as mãos libertassem seus ágeis dedos.

Haveria de inventar alegrias.



CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

www.dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Agosto de 2025

Nº 638

ÚLTIMOTREM

MARATONA CULTURAL REALIZADA EM 13/07/2025

Sob o comando do casal Le e Lucas Fuah e colaboradores, em 13/07/2025, aconteceu a MARATONA CULTURAL com diversos eventos, dentre eles Yoga, Caminhada Histórica, Boxe, Capoeira, música, etc. Os autores de Monte Sião estiveram presentes apresentando seus livros, enquanto artesões expunham suas artes, com participação ativa do público. Dia Animado! Valeu a pena!

BIBLIOTECA CIRCULANTE

Coincidências à parte, havíamos levado conosco mais de 100 livros, a maioria romances, doados pela família de Antonio Macias Casares, por intermédio da matriarca Maria Aparecida Casares, de São Paulo. Enquanto falávamos como a Sra. Le Fuah fomos informados de que está sendo desenvolvido um projeto de Biblioteca Circulante, onde os livros serão disponibilizados em postos de saúde e em outros pontos movimentados, para que as pessoas possam retirar-los, leva-los, lê-los e depois devolver. Casamento perfeito! Imediatamente os livros foram doados ao referido projeto. Tudo de bom! Quem lê não precisa perguntar aos outros e ficar com a resposta que vier!

CLARA SOFIA, A NOVA AUTORA DE LIVRO DE MONTE SIÃO

A jovem Clara Sofia, ainda na adolescência, já manifesta seu valor literário porque tem, em fase de edição, o seu primeiro livro "O Gato Salém" que será editado pela Acervo Edições, operada por José Carlos Grossi, o Kuaia, sob o patrocínio da Fundação Cultural Pascoal Andreta. Esperamos ansiosos pelo resultado. Ainda

durante a Maratona Cultural, tivemos a oportunidade, representando Maria Aparecida Casares de São Paulo, de presentear Clara Sofia com duas coleções de livros que muito a ajudarão na formação de sua base cultural: A coleção Nosso Brasil e a coleção Folha Fotos Antigas do Brasil, ambas editadas em tomos semanais pela Folha de São Paulo.

E, POR FALAR EM LIVROS... NOVO LANÇAMENTO ENTRE AUTORES MONTE-SIONENSES!

Dia 30 de agosto de 2025 ocorreu o lançamento de mais um livro de contos de Matheus Zucato, sob o título de "Profetas e Reis na Babilônia de Néon", pela editora Mondru. O evento, em paralelo com a premiação dos autores do XXIII Concurso "Fritz Teixeira de Salles" de poesias, foi realizado nas dependências do Colégio Monte Sião, tendo iniciado às 20 horas. Matheus Zucato é um jovem autor inspirado e trabalhador que encontrou nas letras um seguro meio de expressão. Nós que temos acompanhado a evolução da produção literária do autor, o cumprimentamos pela dedicação e pela qualidade de seus escritos. Boa, Matheus!

LIVROS E LEITURAS

Há algum tempo recebi do amigo Matheus Zucato um exemplar de seu livro de contos intitulado: "Fruto da Terra". Ler os contos de Matheus Zucato exige um pouco de preparo emocional e o condicionamento da memória para receber, processar e tentar compreender o universo no qual o leitor transita, indo de encontro ao questionamento sutil da realidade e aos desfechos, às vezes até nebulosos, que os textos nos

conduzem. Na verdade, o autor prosaia com a realidade e propõe nuances carregadas de mistérios e ficções envolvendo o cotidiano de qualquer existência que, ao deslizar pelo calendário, encontram-se e se encontram diante de situações tensas, desafiadoras, recorrentes e, muitas vezes, brutais que acabam por questionar a própria existência. É difícil tentar imaginar quando o autor explora o ambiente existencial e quando está a exorcizar os seus próprios fantasmas. O certo é que a leitura dos textos deste autor nos conduz do alento ao desespero e nos devolve ao universo competitivo e pouco acolhedor que habitamos. É preciso coragem para tamanha exposição que, no final, nos coloca pasmos a analisar a nossa própria realidade. ZUCATO, Matheus. Fruto da Terra (contos). Folheando: Belém, PA. ISBN 978-655404151-5.

XXIII EDIÇÃO DO CONCURSO "FRITZ TEIXEIRA DE SALLES" DE POESIA

Encerrada a fase de leitura e julgamento, por comissão de poetas ligados ao "Monte Sião", das poesias recebidas, a data de premiação dos autores laureados ficou marcada para 30 de agosto de 2025, no auditório do Colégio Monte Sião, na avenida das Fontes em Monte Sião. Auditório cheio, premiação emocionada e a festa continuou com coquetel oferecido pelo CIB - Circulo Ítalo-brasileiro de Monte Sião capitaneado pela Lúcia, Paulo e Mário Lúcio Gortardello e pelos lançamentos dos livros "Contos Absuros", de José Carlos Grossi (Kuaia); "Profetas e Reis na Babilônia de Néon", de Matheus Zucato; "Mais Forte que o Espanto!", de Ariovaldo Guireli; "O Gato Salém", de Clara Sofia de Souza Carvalho (12 anos).

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Setembro de 2025

<p>Dia 01 Luiza Righeti Amaral Maria Ap. Labegalini Tatiana Virgílio Comune Célia Pereira S. Freire Edmárcio de Souza Bueno</p> <p>Dia 02 Celso Damasceno de Souza Lourdes H. Moreira Manoel C. da Costa Vera Lúcia G. de Moraes Rodrigo Giglio Zucato Bruno Daniel A. Faria</p> <p>Dia 03 João Carlos Genghini Maira de Souza Rony Martins Vedovoto Mônica Labegalini Cauã Guireli Elisete Comune Acácio Cétolo</p> <p>Dia 04 Mariane Mariano Silva Clara M. Nicioli Cirioni</p> <p>Dia 05 Iraci Aparecida Freitas Tiago Comune Barros</p> <p>Dia 06 Aparecida Glória Bernardi Túlio e Heleno Guirelli Elaine Cristina M. da Costa Eliza Akini Shimoda</p> <p>Dia 07 Angelina B. C. Simões Guilherme Gotardelo Fernanda B. Andrade Simone de Souza</p> <p>Dia 08 José Ap. Dorta Machado Camila Comune Daldosso Michel Caroli</p> <p>Dia 09 Maria Ap. Luz Labegalini</p> <p>Dia 10 Irineu Labegalini Ana Lúcia Santos</p> <p>Dia 11 Maria Imaculada de Oliveira Romildo Labegalini</p> <p>Dia 12 Pedro H. Coelho Marcelino Bruna Dias e Silva Alome Acorsi Comune</p> <p>Dia 13 Luigi Gottardello Fonseca Nathália de Godoi</p> <p>Dia 14 Ana Carolina G. Silva Michel Coutinho de Souza Fátima Ap. da Costa Gabriela Pennacchi Fabrícia Araújo André Luiz Messias</p> <p>Dia 15 Amanda C. P. Pennacchi Isabel Regina B. C. Ribeiro Alexandre Kuroda José Sabino Bueno</p> <p>Dia 16 João Tadeu D. Machado Mariana C. Pereira Varoni Alyne Labegalini De Nez</p>	<p>Dia 17 Eduardo Cândido de Godoy José Carlos F. Vilas Boas Norma Santos Trindade Aline Monteiro V. Brunialti</p> <p>Dia 18 Patrícia Zucato Dizeró Érica Araújo Vitor Henrique U. Biscuola Felipe Gomes da Silva</p> <p>Dia 19 Gilberto Costa Bruneli Edina N. G. Labegalini Benedita S. H. Machado</p> <p>Dia 20 Heloisa Helena Genghini André A. dos Santos</p> <p>Dia 21 Eliana Bourgeth D. Machado Giselda Monteiro Guinesi Fábio Glória Rita S. B. Castro Gonçalves Maria da Conceição José Luiz Andreta Priscila Ribeiro Zucato</p> <p>Dia 22 Camila Rosiene Barbosa Vânia Maria Pioli Labegalini Irene Labegalini Zucato Rogério Artuso Mariana Artuso Adilson José Queirós Willian Comune Barbosa Hélio Aparecido Gomes Benedita Stela J. Canela Antonia Ap. Martins Ribeiro</p> <p>Dia 23 Ana Lúcia dos Santos Luiz Righeti Roberto Jacomassi Augusto Mª de Lourdes V. Labegalini</p> <p>Dia 24 Ronaldo A. Labegalini Meire Regina Labegalini Enevaine da Silva Martins Renata Comune Fiori Marcela Cristina Renção Pedro Henrique Monteiro</p> <p>Dia 25 Fanny Gnecco de Calhelha Ernestina Ota Izumi Alcina G. Otaviano Miranda Isabel Cristina Barbosa</p> <p>Dia 26 Antonio Edmar Guireli Ana Eliza Fernandes</p> <p>Dia 27 Leonildes Labegalini</p> <p>Dia 28 Mariane Magioli Bréscia Camila Costa P. Bueno</p> <p>Dia 29 Irmã Andréa Comune Eliane Comune Roger Campos Freire Cláudia Amaral Macedo</p> <p>Dia 30 Bruna Antunes da Costa Marcelo Ricardo Labegalini.</p>
--	--

A todos, as felicitações da Redação!

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

TARDES DE MONTE SIÃO

PASCOAL ANDRETA

I

O sol agonizando lentamente lá no ocaso

Tinge de sangue as nuvens que se esgarçam no horizonte.

A brisa passa e leva em amenas cantigas,

Das flores o perfume inebriante.

A natureza toda se levanta majestosa!

Tudo é deslumbramento, resplendor, fascinação!

Oh, quanto é belo, amor, amar alguém,

Nas tardes divinais de Monte Sião.

II

Sonoridades ternas se elevam no espaço!
Um mundo de belezas saudando o morrer do dia!

Gorjeios e pios de aves,
Cascadear de rios e fontes,
Modulações suaves da Ave Maria!

III

O sol, amada, beija os montes!
As abelhas, as flores moscadas!
O céu, as fontes cristalinas,
Os rios, as campinas,
As brisas, as ramadas!
Oh, quem me dera, minha amada,
A ventura sublime, sem par,
De nessas tardes lindas,
Teus beijos nos teus lábios ganhar!

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas

TELESON
TELECOM

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- **Teste de Pezinho ampliado**
- **Credenciamento com os Laboratórios:**
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180